

ORGANIZAÇÃO DE MULHERES QUILOMBOLAS: EXPERIÊNCIA DE EMPREENDIMENTO SOLIDÁRIO NA COMUNIDADE DA MATINHA DOS PRETOS – FEIRA DE SANTANA - BAHIA

Gilmara Borges Ferreira (UFRB)¹
Mariza Alves dos Santos (UFRB)
Daniella das Virgens Almeida Santos (UFRB)
Tatiana Ribeiro Velloso (UFRB)²

RESUMO: O trabalho aborda a experiência da organização das mulheres quilombolas, voltada para a inclusão sócio-produtiva na comunidade da Matinha dos Pretos, em Feira de Santana – BA. Trata-se de uma experiência de empreendimento solidário formado por mulheres quilombolas, que atua na área de beneficiamento de frutas, integrando as comunidades rurais na cadeia produtiva da fruticultura para produção de polpas de frutas. As mulheres quilombolas estão organizadas a partir da Associação Comunitária da Matinha – ACOMA, e ao longo da trajetória estabeleceu a integração em redes de economia solidária, seja na representação e na assessoria, mas também de inclusão em processos formativos de ensino superior federal, a partir da Licenciatura em Educação do Campo, com a metodologia da Pedagogia da Alternância. A partir deste contexto, foi possível realizar a pesquisa-ação na relação da reflexão e da intervenção com as mulheres quilombolas, com a utilização do Diagnóstico Rural Participativo – DRP. Como resultado, se tem a estruturação de um empreendimento da economia solidária formado por mulheres quilombolas da agricultura que possuem modo de viver e produzir, que possibilitou, por um lado, a geração de trabalho e renda em um contexto de redes, e por outro, de acesso a uma educação que respeita a história e a identidade dos sujeitos do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária; Agricultura Familiar; Mulheres Quilombolas.

ABSTRACT: This work deals with the experience of quilombola women's organization, focused on socio-productive inclusion in the community of Matinha dos Pretos, in Feira de Santana - BA. It is an experience of solidarity enterprise formed by quilombola women, who work in the area of fruit processing, integrating rural communities in the productive chain of fruit production for the production of fruit pulps. Quilombola women are organized from the Associação Comunitária da Matinha - ACOMA, and throughout the trajectory established the integration in networks of solidarity economy, be it in representation and advice, but also of inclusion in formative processes of federal higher education, from of the Degree in Education of the Field, with the methodology of the Pedagogy of Alternation. From this context, it was

¹ Discentes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – CETENS/UFRB.

² Professora Orientadora – CETENS/UFRB – tatiana@ufrb.edu.br

possible to carry out the action research in the relationship of reflection and intervention with the quilombola women, using the Participatory Rural Diagnosis - DRP. As a result, there is a structuring of an enterprise of the solidarity economy formed by quilombola women of agriculture who have a way of living and producing, which enabled, on the one hand, the generation of work and income in a network context, and on the other hand, of access to an education that respects the history and identity of the subjects of the field.

KEY WORDS: Solidary Economy; Family farming; Quilombola women.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a experiência de organização das mulheres quilombolas, voltada para a inclusão sócio-produtiva na comunidade da Matinha dos Pretos, em Feira de Santana – BA. É uma experiência de construção de empreendimento solidário formado por mulheres quilombolas, que atua na área de beneficiamento de frutas, integrando as comunidades rurais na cadeia produtiva da fruticultura para produção de polpas de frutas.

O município de Feira de Santana possui uma população de 46.020 habitantes situados na zona rural, enquanto a população urbana atinge o número de 510.736 habitantes. Nas duas últimas décadas (1991-2010), a taxa de urbanização de Feira de Santana cresceu 6,68%. Evidencia-se, portanto, uma constante perda de capital humano nas comunidades rurais, que entre os fatores, existe o problema estrutural fundiário em que prevalece a existência de minifúndios na realidade desta população, que não viabiliza as oportunidades de geração de trabalho e renda nas estruturas familiares, além da ausência de assistência técnica e extensão rural, de uma educação voltada para a realidade do campo, entre outros.

A partir desta realidade do campo, as mulheres quilombolas da comunidade da Matinha dos Pretos construíram um empreendimento solidário da agricultura familiar de beneficiamento de frutas como alternativa de geração de trabalho e renda, a partir da valorização dos produtos das propriedades dos agricultores familiares. Este empreendimento faz parte da Associação Comunitária da Matinha – ACOMA, e na relação com a Associação dos Pequenos Agricultores do município de Feira de Santana – APAEB – Feira de Santana, a partir de 2007, foi possível construir a unidade de beneficiamento de frutas.

A experiência desde o seu início conta com a parceira da Incubadora de Empreendimentos Solidários – INCUBA da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia –

UFRB e integra a Rede Nacional da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários do Brasil – UNISOL Brasil, que viabilizou na relação com o CONOSUD, uma organização não governamental da Espanha, a construção da unidade. A relação com a UFRB foi iniciada com as ações acadêmicas de pesquisa e extensão universitária, que viabilizou a aquisição de equipamentos através de editais públicos da Fundação de Amparo a Pesquisa no estado da Bahia – FAPESB e da PETROBRAS; e em 2013, na relação de ensino a partir da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza e Matemática, com o acesso de quilombolas da comunidade neste curso, no Campus de Feira de Santana.

A metodologia utilizada baseou-se na pesquisa-ação, enquanto uma pesquisa social na qual existe uma relação entre sujeitos para reflexão da situação, e na busca de ações de intervenção (THIOLLENT, 1985). O percurso de trabalho foi resgatar as ações de extensão e pesquisa universitária, com a atualização do Diagnóstico Rural Participativo, que possibilitou investigar, analisar e avaliar as ações estratégicas, a partir de suas prioridades, com a construção do Mapa da Comunidade, do Diagrama de Venn, da Árvore de Problemas e do Calendário Sazonal (BROSE, 2001).

O DRP foi realizado como possibilidade de aprendizados durante o tempo comunidade, para construção de um projeto de intervenção. Este projeto foi a estratégia de relação entre as ações acadêmica de extensão e pesquisa universitária, com as de ensino e de interação entre os espaços de construção de conhecimento: universidade e comunidade. Esta metodologia possibilitou complementar as análises e avaliações das mulheres quilombolas para o fortalecimento do empreendimento da economia solidária e possibilitar um espaço de formação para os sujeitos envolvidos.

Neste sentido, a metodologia trabalhada na construção do planejamento e na execução das atividades foi permeada pelos princípios da economia solidária, voltada para o fortalecimento da agricultura familiar e da valorização do trabalho da mulher quilombola no contexto da educação do campo, como também de espaço de formação dos estudantes de Licenciatura em Educação do Campo na metodologia da Pedagogia da Alternância.

A Pedagogia da Alternância possui dois tempos formativos: o tempo universidade e o tempo comunidade. Estes tempos formativos propiciam uma formação contínua e integrada do espaço da universidade com a comunidade, com tempos/ espaços diferenciados, que

articulam diferentes experiências com a finalidade de promover uma formação vinculada a práxis. De acordo com Paulo Freire (1995), a práxis possibilita a relação entre ação e reflexão e entre subjetividade e objetividade, voltada para a transformação da realidade a partir da emancipação dos sujeitos.

Portanto, a construção deste empreendimento solidário formado por mulheres quilombolas da agricultura familiar na relação com as comunidades rurais na organização da cadeia produtiva, bem como espaço formativo na relação com a universidade que possibilita a construção de uma educação que respeite as especificidades culturais e históricas do seu modo de viver e produzir, como uma experiência em curso que trata dos caminhos e das trajetórias de aprendizados e de construção de conhecimentos, a partir do respeito e do reconhecimento da história e da identidade das mulheres quilombolas.

2. TRAJETÓRIA DAS MULHERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DA MATINHA DOS PRETOS: RELAÇÃO COM A ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária traz como modo de vida os valores de posse coletiva e de gestão democrática dos meios de produção, distribuição, comercialização e crédito, sendo adequadas às necessidades sociais e econômicas das trabalhadoras (SINGER, 2000). Assim, considera-se que a cooperação é o elemento central para acesso dos empreendimentos solidários aos mercados, que permitem expandir suas atividades e gerar novas oportunidades de trabalho e renda.

Tratar da economia solidária em uma experiência de comunidade quilombola é resgatar a história de luta e de resistência deste povo do campo, na sua permanência material e na identidade de pertencimento cultural das práticas comunitárias.

Muitos autores conceituam o quilombo como aldeias em que os negros e as negras escravas se refugiavam das fazendas. Fugiam da exploração e dos maus tratos sofridos na escravidão institucionalizados por mais de trezentos anos no Brasil, e normalmente eram locais com difícil acesso com a esperança de “levar uma vida livre”. Segundo a FCP (2017, p.1), “quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos. Uma das funções da Fundação

Cultural Palmares é formalizar a existência destas comunidades, assessorá-las juridicamente e desenvolver projetos, programas e políticas públicas de acesso à cidadania” (FCP, 2017, p. 1).

Importante destacar o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

§ 2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

§ 3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental (BRASIL, 2003, p.1).

Assim, tratar da economia solidária em uma experiência de mulheres quilombolas é visibilizar em um termo recente “economia solidária” em uma prática antiga de povos tradicionais, que no modo de vida comunitária, lutaram por liberdade e por direitos negados historicamente.

A história do quilombo traduz a formação da sociedade agrária brasileira. Uma sociedade marcada por uma história de latifúndio, trabalho escravo, de produção de monocultura destinada para a exportação. Quando se analisa esta história no município de Feira de Santana, expressam-se por aparentes contradições quando se analisa a formação de seu território: de um lado, a expressão urbana de importância comercial e industrial; e por outro, a existência do rural no contexto histórico de desigualdades agrárias, principalmente na concentração fundiária e na existência do maior número de pessoas na zona rural *per capita* no estado da Bahia (PTDRSS Portal do Sertão, 2017).

Pode-se constatar a existência de 8.809 estabelecimentos rurais em Feira de Santana, situados em mais de 60 mil hectares: 70% dos estabelecimentos possuem menos de 2 hectares; 22,1% dos estabelecimentos possuem de 2 até 10 hectares; 6,6% dos estabelecimentos possuem de 10 até 100 hectares; 1,4% dos estabelecimentos possuem de 100

a 1000 hectares; e apenas 1 estabelecimento possui mais de mil hectares, mas sem informação (IBGE, 2006).

Em Feira de Santana existem três comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares: a comunidade da Matinha dos Pretos, que faz parte deste estudo, certificada em no dia 5 de fevereiro de 2014; a comunidade de Lagoa Grande, certificada em 17 de abril de 2007; e a comunidade de Candeal II, certificada em 29 de novembro de 2016 (FCP, 2017).

A realidade dos povos do campo em Feira de Santana, e principalmente das comunidades quilombolas, que apesar da certificação, vivem dois problemas estruturais: o primeiro, ainda sem a regularização fundiária; e o segundo, em uma estrutura fundiária desigual expressada na realidade deste município, com o processo cada vez mais acentuado de *minifundiarização*.

Neste contexto, a experiência de construção de um empreendimento solidário por mulheres quilombolas propiciou o fortalecimento do poder popular, a partir da ampliação dos espaços das mulheres na geração de trabalho e renda, no contexto da integração da cadeia produtiva da fruticultura da agricultura familiar, e de espaço de atuação nas políticas territoriais.

As ações foram realizadas a partir de alguns princípios no contexto da economia solidária, na luta de mulheres quilombolas de construção dos conhecimentos implicados com o seu modo de vida. Foi possível verificar com o mapa da comunidade as referências de sua organização e formação, com a existência de escolas do campo, comunidades igrejas, sedes das associações, casas e propriedades, vegetação, ruas, praças, entre outros. Na construção do mapa foi possível resgatar a história e trajetória de lutas das mulheres quilombolas e suas famílias na resistência em viver ainda no campo e do campo.

O calendário sazonal possibilitou a construção de estratégia de relação na cadeia produtiva entre as 14 mulheres quilombolas integradas na unidade de beneficiamento de frutas e os agricultores familiares na produção de frutas, bem como de planejamento de acesso ao mercado a partir da disponibilidade da matéria-prima. Foi discutida a estratégia de convivência com o semiárido devido a estiagem prolongada enfrentada pela região, que

impactou na produção agrícola. Nas estratégias foram verificados no Diagrama de Venn os parceiros estratégicos para fortalecer as ações das mulheres quilombolas.

A árvore de problemas foi construída na perspectiva de elaboração de um plano de intervenção, compreendendo as causas e as consequências dos principais problemas apresentados pelas mulheres. Esse planejamento delineou a ação tanto da extensão universitária na parceria da INCUBA/UFRB, bem como da relação de ensino no tempo comunidade com os discentes da Licenciatura em Educação do Campo, desde 2013. É importante contextualizar que estas ações foram articuladas em uma rede coordenada pela APAEB – Feira de Santana, tanto no acesso ao mercado, como de formações integradas e participação política em espaços de conselhos e de colegiados.

Portanto, as ações foram integradas com o tempo comunidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo, no contexto da pedagogia da alternância, em que se considera que a construção do conhecimento se dá tanto no ambiente da universidade, como na comunidade, mas principalmente na sua relação dialógica.

A experiência das mulheres quilombolas organizadas em um empreendimento da economia solidária possibilitou a geração de trabalho e renda para 14 mulheres, bem como de integração das propriedades da agricultura familiar com destino e valorização dos seus produtos, e de participação política em espaços como conselhos e colegiados. Esta experiência possibilitou na relação com a universidade, em especial a UFRB, a construção de conhecimentos que possibilitasse um espaço de formação para todos os sujeitos, tanto das mulheres quilombolas como do ambiente universitário ocupado, desde 2013, por estudantes da comunidade e dos professores envolvidos no processo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de organização de mulheres quilombolas da comunidade da Matinha dos Pretos, em Feira de Santana – BA, em um empreendimento solidário de produção de polpas de frutas traz reflexões e aprendizados importantes na sua trajetória. Além de propiciar a geração de trabalho e renda, em uma realidade de exclusão histórica de acesso a terra e as condições materiais de propiciar vida digna, ainda traz a necessidade de luta pela terra, tanto

na certificação, bem como na distribuição fundiária que possibilite a dignidade de vida dos povos do campo no município de Feira de Santana.

Esta organização na relação com a UFRB, inicialmente nas atividades acadêmicas de extensão e pesquisa universitária possibilitou o acesso às formações para que o empreendimento pudesse se viabilizar, através da INCUBA para os processos formativos no contexto da economia solidária, bem como entre as formações de construção de projetos sociais para acesso aos equipamentos para o funcionamento de suas estruturas, a partir de editais públicos; e da rede da UNISOL Brasil que possibilitou para além de acesso a infraestrutura na relação internacional, de fazer parte de uma representação nacional dos empreendimentos solidários na sua representação política.

Portanto, são redes constituídas e centradas nos princípios da economia solidária, voltadas para o fortalecimento da autonomia das mulheres quilombolas. Para a universidade foi um espaço de aprendizagem e de inclusão na agenda acadêmica de conhecimentos gerados na relação com este empreendimento e outros da economia solidária.

Em 2013, foi possível articular este empreendimento a partir do ingresso de quilombolas no ensino superior, em especial na Licenciatura em Educação do Campo, com o desenvolvimento de ações de ensino na relação do tempo universidade e do tempo comunidade, bem como nas atividades de extensão e de pesquisa universitária.

Portanto, a organização das mulheres quilombolas da Matinha dos Pretos contribuiu para a estruturação de uma experiência de economia solidária que para além de geração de trabalho e renda, em que fortaleceu o empoderamento para participação de estruturas políticas como conselhos e colegiado, na construção de redes de participação e de representação na UNISOL Brasil e na APAEB Feira de Santana.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: set 2017.

BROSE, Markus. Metodologia participativa: Uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.



FCP. FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ's). Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>>. Acesso em: set 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.

IBGE. **Censo agropecuário 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: dez de 2016.

PTDRSS Portal do Sertão. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário**. Feira de Santana – BA: CODETER Portal do Sertão, UFRB, 2017.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul e SOUZA, André Ricardo de (orgs). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 11-28.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

